



LAQUEUR, Thomas Walter. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.  
313 p.<sup>1</sup>

A construção do sexo e do gênero

*Juliana Prestes de Oliveira*<sup>2</sup>  
*Amanda L. Jacobsen de Oliveira*<sup>3</sup>  
*Anselmo Peres Alós*<sup>4</sup>

\* \* \*

A leitura de *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud* (2001), de Thomas W. Laqueur, ajuda nos a compreender como as ideias acerca do binarismo sexual e ideias acerca de gêneros surgiram e como ainda estão arraigadas na sociedade atual. Segundo Laqueur, o objetivo deste livro é discorrer sobre

a criação, não do gênero, mas do sexo. Eu não tenho interesse em negar a realidade do sexo ou do dimorfismo sexual como um processo evolucionar. Porém desejo mostrar, com base em evidência histórica, que quase tudo que se queira *dizer* sobre sexo – de qualquer forma que o sexo seja compreendido – já contém em si uma reivindicação sobre o gênero. O sexo, tanto no mundo do sexo único como no de dois sexos, é situacional; é explicável apenas

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Graduada em Licenciatura Letras Português-Inglês, pela UTFPR/Pato Branco - PR, Mestra em Letras Estudos Literários, pelo PPGLetras da UFSM/Santa Maria - RS e Especialista em TIC aplicadas à educação, pela UFSM/Santa Maria - RS. Atualmente é doutoranda em Letras Estudos Literários, pelo PPGLetras da UFSM/Santa Maria - RS. E-mail: [jprestesdeoliveira@gmail.com](mailto:jprestesdeoliveira@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduada em Licenciatura Letras Português-Inglês, pela UTFPR/Pato Branco – PR e Mestra em Letras Estudos Literários, pelo PPGLetras da UFSM/Santa Maria - RS. Atualmente é doutoranda em Letras Estudos Literários, pelo PPGLetras da UFSM/Santa Maria - RS. E-mail: [amandajacobsen.o@gmail.com](mailto:amandajacobsen.o@gmail.com)

<sup>4</sup> Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Departamento de Letras Vernáculas da UFSM/Santa Maria -RS. E-mail: [anselmoperesalós@gmail.com](mailto:anselmoperesalós@gmail.com)

dentro do contexto de luta sobre gênero e poder (LAQUEUR, 2001, p. 23, grifo do autor).

A partir disso, Laqueur aborda como o processo de interpretação dos corpos no progresso científico, o qual partiu, inicialmente, da ideia da fêmea dar a luz e o macho não, ao longo dos anos. Desde então, focava-se no masculino para buscar entender a estrutura básica do corpo. Somente em 1759 é que um esqueleto feminino foi detalhado em um livro de anatomia; contudo, quando as diferenças entre macho e fêmea começaram a ser descobertas já havia sido estabelecido um padrão, que era o masculino, e as formas de representação já estavam marcadas pela política de poder do gênero, na qual o sexo masculino é o detentor do poder e o feminino o subalterno.

Laqueur expõe a história do progresso na fisiologia reprodutiva como forma de mostrar que isso não causou a mudança para o modelo de dois sexos, mas sugere que as teorias da diferença sexual influenciaram no curso do progresso científico e a interpretação dos resultados. Para ele o sexo, assim como o ser humano, é contextual, e está atrelado aos discursos e pensamentos de cada época. Assim, o teórico deseja implicar a biologia nos dilemas interpretativos e estudos culturais de gênero. Uma vez que a ciência não apenas investiga a diferença entre a mulher e o homem, mas a constitui. Foi a ideia de diferença entre os corpos que impulsionou a pesquisa e, conseqüentemente levou à escrita sobre isso. Essa escrita gerou e fomentou o pensamento sobre a diferença sexual, bem como o entendimento de uma supremacia de um sexo sobre o outro.

Uma das ideias expostas por Laqueur é a do corpo de sexo único/carne única, que dominou a ideia de diferença sexual desde a antiguidade até o século XVII. Nesse período, os limites entre masculino e feminino eram mais políticos do que biológicos. As análises partiam de uma base, de um padrão, que era o corpo do homem, como se a mulher precisasse ser o mais semelhante possível ao homem para ter algum valor e ser considerada

humano. Tal ideia pode ser percebida no discurso científico da época que afirmava ser a mulher um homem invertido. Ideia essa mais acentuada quando diziam ser a vagina um pênis precário e por nascer, e a mulher ser mais fria que o homem, sendo, dessa forma, inferior ao homem e menos potente que ele, o qual possuía calor (por isso suas genitálias são para fora), instrumento básico da natureza.

De acordo com as pesquisas desenvolvidas por Laqueur, muito mais do que buscar compreender os corpos e as diferenças e semelhanças entre eles, o interesse estava no modo como a reprodução acontecia e, assim, tentar tratamentos para aqueles que desejam ter filhos. A ideia de que o homem tem semente mais forte do que a mulher, também é difundida, podendo variar entre eles conforme o organismo, afetando diretamente na prole: se ambos tiverem semente forte nasce um menino, se ambos tiverem semente fraca, nasce uma menina. Por mais que pareça só uma constatação científica, isso reforça a ideia cultural de que mulheres são inferiores aos homens. A reprodução ainda hoje é a base para os preconceitos e não aceitação de relações e comportamentos que fogem a manutenção da espécie. Dessa forma, é perceptível como tal discurso se consolidou em nossa sociedade e tornou-se algo naturalizado.

Qualquer descoberta sobre o corpo da mulher e seu papel na sociedade era menosprezada ou inferiorizada, a fim de manter as mulheres como o ser imperfeito. As consequências disso podem ser sentidas atualmente, visto a dificuldade de desconstruirmos várias afirmações patriarcais que subestimam as capacidades femininas e que estigmatizam a mulher. Desse modo, para Laqueur, o modelo de sexo único poderia ser entendido como uma forma de preservar o pai, o que representa a sociedade da época, revelando a supremacia do homem sobre a mulher, porque se acredita ser mais forte a semente do macho do que da fêmea, sendo o dele mais importante para a reprodução. Pensamento que ainda tem vestígios na cultura atual.

Após tratar sobre as concepções acerca do sexo único, Laqueur também traz um panorama histórico sobre a relação entre um modelo de diferença sexual e o conhecimento científico. Agora as formas naturalistas e um novo conhecimento anatômico se atrelam a concepção de carne única. A descoberta do clitóris fez com a ideia da vagina ser o pênis ser revista, mostrando que havia diferença entre as genitálias feminina e masculina. Apesar disso, “mantêm-se a insistência no modelo de sexo único, sendo o macho o padrão” (LAQUEUR, 2001, p. 91), o sexo único absorve a descoberta do clitóris. Até mesmo mulheres parteiras compartilhavam desse mesmo pensamento, o que mostra a força que este discurso tinha como verdade e construtora de comportamentos e pensamentos.

Ademais, com estes avanços da ciência, dissecação do corpo e atenção aos modos de produção, levanta-se a questão, de acordo com Laqueur, da não necessidade do orgasmo e do prazer sexual da mulher para que haja a fecundação. Mas tal questão não foi muito desenvolvida, pois era difícil de precisar a respeito, principalmente porque aqueles que poderiam contribuir significativamente não escreviam: as mulheres. A linguagem, dessa forma, foi usada para forçar uma visão que considerava “o corpo masculino a forma humana canônica” (LAQUEUR, 2001, p. 120). A compreensão da insignificância do gozo feminino para a fecundação pode ter auxiliado na exclusão do prazer da mulher no ato sexual, vivenciado por muitas nos próximos séculos, contribuindo com a imagem das mulheres serem apenas um objeto de satisfação masculina e de reprodução de herdeiros.

Ao contrário da primeira metade do livro, na segunda parte podemos encontrar mais posicionamento e opinião de Laqueur acerca do que está narrando. Ele discute deixa aberta a discussão sobre o quão misógino, estigmatizante e excludente algumas posições e construção de pensamentos, ditos científicos, podiam ser e podemos afirmar que ainda são. Ao trazer à tona isso, Laqueur também aponta para a emersão das reivindicações políticas das mulheres e heterossexualidade em termos gerais.

Laqueur traz em seu texto leituras de documentos, jurídicos, médicos e literários, nos quais estão presentes ideias do modo operante da hierarquia do masculino e como o corpo expressa seus significados culturais, como a construção do gênero binário. Acreditava-se, na época, como o real, atrelado com o imaginário, o representativo, o verdadeiro e inquestionável, bem como a imagem do pênis como símbolo de perfeição estavam misturados, consolidando o pensamento de um sexo (masculino) mais perfeito e merecedor de privilégios e outro (feminino) inferior e subalterno. A partir disso, reforça-se a o ponto de vista de que há trabalhos, instrumentos, atitudes e comportamentos que são para mulheres – geralmente os considerados mais inferiores e insignificantes, pela sociedade – e outros para os homens, não podendo haver a transgressão dos limites do gênero. A divisão binária do sexo e gênero, muito mais que biológica, se mostra política.

Segundo Laqueur em algum momento do século XVIII houve o estabelecimento de dois sexos. Tal mudança não se deu por meio de descobertas científicas ou modo de ver os corpos, mas sim de uma revolução epistemológica e sociopolítica. Órgãos sexuais femininos e estruturas ditas como iguais em ambos os sexos passaram a ser diferenciadas de modo a corresponder ao homem e a mulher social. As funcionalidades, o funcionamento dos órgãos sexuais e o modo de geração de um feto passaram a ser melhores compreendidos. Porém, tais descobertas não originaram o modelo de dois sexos: ele foi inventado como fundamento para o gênero. O corpo da mulher passou, então, a ser visto como um campo de batalha para definir as relações sociais.

Apesar de tais mudanças, a mulher ainda era vista como um ser inferior e, agora, diferente do homem. Assim, o orgasmo foi uma das primeiras coisas a se tornar tema das novas diferenças sexuais, passando a ser visto como não necessário às mulheres, pois não era necessário para a geração de descendentes. Isso, apesar de prejudicar as relações sexuais das mulheres em certa medida, foi um ganho, se pensarmos os casos de gravidez

resultantes de estupro, pois, por muito tempo, não se considerava o estupro um crime se a mulher engravidasse, visto que, para engravidar, a mulher precisava ter sentido desejo e prazer; então, para a justiça, ela quis ter tido aquela relação sexual, não sendo um estupro. Apesar de não sabermos se essa descoberta foi realmente considerada nos tribunais.

No capítulo final, Laqueur resgata discussões expostas no início do livro e relaciona a ciência do sexo binário às demandas da cultura. Novamente fica evidente o modo pelo qual a política de gênero situa-se nos fundamentos dos sexos atrelados ao corpo, apesar de ainda haver presença da ideia de sexo único. Percebemos também a insistência da ciência em defender o modelo de dois sexos, baseados no conceito dessa teoria ser algo biológico e natural. De acordo com Laqueur e o material coletado por ele e exposto neste livro, noções criadas com o passar do tempo sobre a diferença ou igualdade determinam o que atualmente vemos e falamos sobre o corpo. O contexto e a cultura, para Laqueur, são os principais norteadores para a construção de teoria e conjecturas relacionadas ao corpo e relações humanas. Por fim, Laqueur (2001, p. 32) nos diz que “o mais importante é este livro convencer o leitor de que não há uma representação "correta" da mulher em relação ao homem e que toda a ciência da diferença é, portanto, mal interpretada”.

Recebido em março de 2019.  
Aprovado em fevereiro de 2019.